

POESIA E NOVAS TECNOLOGIAS

Vinícius Silva de Lima ¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar como a sociedade e o *universo das artes*, e em especial a poesia, sofrem profundas mudanças com o advento das novas tecnologias, oriundas da Segunda Revolução Industrial, ou Revolução Eletroeletrônica. Procuro mostrar como as expressões literárias adquirem uma faceta multimídia e como as experiências de recepção do leitor são modificadas com o surgimento de suportes como a televisão, o vídeo e o computador pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: *Poesia; Novas tecnologias; Comunicação.*

1. Tecnologia, arte e sociedade

Um assunto bastante significativo e presente nos meios acadêmicos literários, em especial nas últimas décadas, tem sido o diálogo entre a poesia e as novas tecnologias. Isto se deve principalmente ao acentuado crescimento das complexidades presentes no campo comunicacional de 1980 até os dias atuais e a forma como estas comunicações influenciam no dia-a-dia da sociedade tanto em nível prático quanto estético. Esse desenvolvimento acelerado das novas tecnologias de comunicação como o rádio, a televisão, o telefone fixo e móvel, os computadores e a internet, entre outros, provoca profundas transformações nas diferentes esferas da sociedade.

No campo econômico, é bastante visível a presença das tecnologias midiáticas nos mercados financeiros, na migração dos bancos para o meio digital, no surgimento do cartão de crédito, que torna a moeda um objeto virtual. É no âmbito militar que geralmente as inovações tecnológicas se formam com o intuito de desenvolver a capacidade de armazenamento e transmissão de informações sigilosas, ou uma arma que seja mais eficaz contra os inimigos. Foi assim que surgiram o computador e a Internet.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: viniciusslima@zipmail.com.br

É cada vez mais acentuada a presença dos computadores e das redes digitais no cotidiano das pessoas. A Internet cresce em velocidade espantosa e vem promovendo uma revolução na maneira de se conceber o tempo, o espaço e os relacionamentos humanos. A facilidade com que as informações são transmitidas, mesmo a longas distâncias, tem permitido às pessoas o acesso a diversas e infindáveis fontes de conhecimentos, transformando o microcomputador em uma verdadeira *Biblioteca de Babel*, como no famoso conto homônimo de Jorge Luís Borges, inserido em seu livro *Ficções*, de 1944.

A informação e o conhecimento, nos dias atuais, transformaram-se em bens econômicos e de consumo essenciais. Embora tidos como imateriais, são na verdade desterritorializados, ou seja, não se prendem a apenas um suporte específico, o que lhes dá um caráter de virtualidade. O conceito de virtual é sempre ligado à idéia de algo desprovido de realidade, o que para o filósofo Pierre Lévy, não passa de um grande engano. Para ele:

Desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias. Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações (LÉVY, 1996, p.35).

Como as tecnologias atingem todas as áreas do conhecimento humano, não demorou para que elas fossem inseridas no universo das artes. Desde a Revolução Industrial, no século XIX, estamos presenciando um evidente crescimento das mídias e dos signos. A Revolução Industrial nos trouxe inúmeras máquinas capazes de facilitar o trabalho braçal, diminuindo a exigência da força física do trabalhador e, desta forma, promovendo um aumento da produção de bens materiais. O que não podemos esquecer é que paralelo ao aparecimento destas máquinas de produção, temos também o surgimento de máquinas de produção de bens simbólicos como a fotografia, a prensa mecânica e o cinema.

Com a prensa mecânica, tivemos uma aceleração na impressão e reprodução de jornais e livros. A fotografia surge como uma revolução na transmissão de informações e quando aliada ao jornalismo (fotojornalismo) torna-se um eficaz suporte de comunicação de informações. O cinema dá

movimento à fotografia e, principalmente, a partir do cinema de narrativa ficcional, torna-se um grande meio de transmissão de bens simbólicos.

Após este primeiro momento temos o surgimento de uma segunda Revolução Industrial: a eletroeletrônica. Com ela vieram o rádio, a televisão, o telefone, e a irrupção e consolidação da cultura de massas. De acordo com Lúcia Santaella, “a cultura de massas provocou profundas mudanças nas antigas polaridades entre a cultura erudita e a popular, produzindo novas apropriações e intersecções, absorvendo-as para dentro de suas malhas” (SANTAELLA, 2005, p.11). Com isso, a comunicação de massas acaba gerando algo inevitável: a hibridação das diversas formas de comunicação e de cultura, ou seja, a aproximação entre as comunicações e as artes.

Desde o surgimento do Modernismo, os artistas têm demonstrado interesses pelas tecnologias. Gradativamente, essas tecnologias foram fazendo cada vez mais parte do universo dos artistas que enxergaram e enxergam na tecnologia uma possibilidade de expansão das possibilidades de expressão de suas obras.

Com o surgimento da cultura digital, ou cibercultura, essas relações entre tecnologias e arte vêm se tornando cada vez mais visíveis e intensas. A literatura é uma destas manifestações artísticas que sofreram enormes modificações com a incorporação das tecnologias e da cultura de massas.

2. Literatura e Tecnologia

Roland Barthes, em *O Grão da Voz*, profeticamente afirmava que o termo *literatura* caminhava para o seu fim, visto as constantes transformações a que estava sendo submetida:

Posso apenas dizer (e não sou o único a dizê-lo) que a literatura foi um objeto definido historicamente por um certo tipo de sociedade. Mudando a sociedade inevitavelmente, seja em um sentido revolucionário, seja em um sentido capitalista (pois a morte dos objetos de cultura não leva em conta o regime), a literatura (no sentido institucional, ideológico e estético que dávamos outrora a esta palavra) passa: ela poderá ou abolir-se completamente (uma sociedade sem literatura é perfeitamente concebível) ou modificar de tal maneira as suas condições de

produção, de consumo e de escritura, enfim, o seu valor, que teremos de mudar o seu nome. O que é ainda sobra das formas antigas da literatura? (BARTHES, 1995, p. 215).

Para o poeta e ensaísta português Ernesto Manuel de Melo e Castro, mesmo com as transformações que a literatura vem sofrendo com a inserção das novas ferramentas tecnológicas, devemos insistir na palavra poesia,

porque poesia ao fim e ao cabo é a grande projeção virtual da mente humana e nas novas ciberpoéticas continuamos a ter essa projeção virtual da mente humana, mas agora é o virtual do virtual, através de alguns elementos gramáticos importantes, como por exemplo, o movimento, a velocidade, o rigor, a variabilidade e simultaneidade espaço-temporal e a transformação (CASTRO, 2001, p.03).

Este novo momento, regido pela intervenção dos suportes tecnológicos, de fato provocou inúmeras alterações no formato do texto literário. No caso da poesia, temos a partir de Mallarmé e das Vanguardas europeias do início do século XX um redimensionamento da escrita, seja através da espacialização das palavras na página e na valorização dos silêncios representados pelos espaços em branco, seja na incorporação de outras linguagens e suportes, nas vanguardas, que visavam a busca por uma *arte total*, isto é, uma manifestação que incorporasse tanto o texto quanto à performance, a música, as artes plásticas, entre outros.

A tecnologia só começou realmente a se fazer presente no universo das artes a partir da Revolução Industrial, como já mostrado anteriormente, principalmente com a invenção da fotografia. As artes saem desta forma de um momento em que predominava o artesanato, influência do Renascimento, e passa para uma esfera em que as imagens ganham força e a tecnologia começa a ser usada como ferramenta de produção estética.

É somente no século XX, em especial a partir dos anos 50, que as artes tecnológicas atingem uma maturidade formal. É neste momento que o cinema experimental começa a ganhar força, principalmente através das obras de

artistas ligados ao movimento *Fluxus*². É nos anos 50 também que o poeta francês Henri Chopin, em parceria com músicos das chamadas *música concreta*, *música eletrônica* e *música eletroacústica*, entre eles Pierre Schaeffer, Karlheinz Stockhausen, Pierre Henry, entre outros, iniciam um trabalho de captação e intervenção sonora no poema e uma revalorização da voz como elemento acústico e poético. Surge então o conceito de *poesia eletroacústica*, que, posteriormente passa a ser chamada de *poesia sonora*, a partir do lançamento do livro *Poesie Sonore Internationale*, em 1979, de Henri Chopin.

Devemos lembrar que o termo *poesia sonora* já havia aparecido algumas vezes na história das vanguardas, principalmente entre os dadaístas como Hugo Ball, que via na performance da voz um suporte muito intenso de comunicação poética. Com a *revolução eletrônica*, começam a surgir inúmeras modificações nas artes, que geralmente obedecem a um mesmo processo, como é muito bem observado por Eduardo Kac:

Quando surge um novo meio de produção de linguagem e de comunicação, observa-se uma interessante transição: primeiro o novo meio provoca um impacto sobre as formas e meios mais antigos. Num segundo momento, o meio e as linguagens que podem nascer dentro dele são tomados pelos artistas como objeto de experimentação (apud SANTAELLA, 2004, p. 156).

Assim aconteceu com o rádio que surge como um instrumento da cultura de massa, logo passando a ser usado como um equipamento de produção artística experimental, questionador da natureza do próprio veículo. É o que podemos averiguar no caso da música concreta ou da rádio arte. Nestas novas formas artísticas, temos pesquisadores e artistas dedicados às experimentações sonoras e radiofônicas em que os conteúdos artísticos ou estéticos e as tecnologias empregadas na veiculação acabam exercendo a função de matéria-prima. Sendo assim, “a arte não é transmitida num programa de rádio, pois o programa é a própria arte” (FIGUEIREDO, 2005, p. 01).

² Fluxus: Movimento artístico de caráter internacional, surgido nos anos 60, caracterizado pela mescla de diferentes artes como música, artes, literatura e performance. Seus integrantes se proclamavam antiartistas.

O debate entre os intelectuais em torno das relações entre as artes e as tecnologias é bastante acirrado. De um lado, estão aqueles que têm uma visão negativa da tecnologia, como é o caso de Baudrillard e Virílio. Do outro lado, temos os que pensam as novas tecnologias como um novo respiro criativo para as artes, como Pierre Lévy e Arlindo Machado.

Sob uma ótica otimista, as tecnologias são vistas como um instrumental enriquecedor na realização e execução de uma obra de arte. Por outra perspectiva, as relações entre artes e tecnologias são enxergadas de forma negativa, com os intelectuais assumindo muitas vezes posturas apocalípticas, o que na visão de Arlindo Machado não passam de posições comodistas e preconceituosas.

[...] as imagens tecnológicas podem parecer tão assustadoras que, até mesmo um pensador da categoria de Baudrillard as ataca, taxando-as de “diabólicas, imorais, perversas, pornográficas”. Portanto, responsáveis por uma “desrealização fatal” do mundo humano (apud GUIMARÃES, 2004, p. 148).

Esta é a posição de alguns intelectuais, que Umberto Eco já chamou de apocalípticos, e que, hoje, são conhecidos pela denominação de *neo-luddites*. Seus integrantes seguem os ideais do movimento antitecnológico *Luddites* dos operários ingleses, liderado por Ned Ludd, entre os anos de 1811 e 1816. Os *neo-luddites* acreditam ser necessário regular e controlar as novas tecnologias, alertando a sociedade para o poder destrutivo que estas tecnologias trazem para o homem e a natureza. O pensador Paul Virílio é considerado o principal expoente deste novo grupo, que se coloca contra a euforia tecnológica. Para o filósofo e urbanista francês, a era da informática é perigosa por conduzir o homem à perda da noção da realidade, quebrando distâncias e territorialidades e ainda proporcionando uma quantidade absurda de informações.

Outro intelectual, crítico fervoroso das novas tecnologias, é Jean Baudrillard. Para ele:

As máquinas só produzem máquinas. Isso é cada vez mais verdadeiro na medida do aperfeiçoamento das tecnologias virtuais. Num certo nível maquinal, de imersão na maquinaria virtual, não há mais distinções homem/máquina (BAUDRILLARD, 1999, p. 147).

Neste caso, os artistas ou criadores não passam de “agentes virtuais, cujo gesto se reduz ao da programação: o restante obedecendo a critérios automáticos” (BAUDRILLARD, 1999, p. 148). Este trabalho não coaduna com a posição deste teórico. Enxergamos que os suportes tecnológicos são apenas um instrumental, assim como a escrita, para uma elaboração estética do mundo, portanto, não definem a qualidade da obra de arte. O que define se um artista é relevante é o uso que este faz das tecnologias e como transmite sua experiência estética do mundo para seus leitores, usando ou não a nova tecnologia a seu favor.

Para Pierre Lévy, um dos mais importantes pensadores das novas mídias e da cibercultura, “a mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva” (LÉVY, 1998, p. 17). Com isso, temos uma mudança nas culturas nacionais e nas formas de representações artísticas deste novo mundo.

Com o desenvolvimento do ciberespaço, surgem novas formas literárias e artísticas, como as obras interativas e os ambientes virtuais. Assim como a invenção da escrita promoveu uma mudança na arte, e possibilitou a evolução dos gêneros literários, o surgimento da cultura digital, do computador e da internet impõe uma nova forma de representação da realidade e da sociedade, sendo esta representação norteadas pelos novos recursos tecnológicos.

Com relação à interatividade na arte virtual ou na ciberliteratura, Baudrillard é taxativo em afirmar que “quando todos se convertem em atores, não há mais interação, fim da representação. Morte do espectador. Fim da ilusão estética” (BAUDRILLARD, 1999, p. 147). Na opinião do autor, esta falsa idéia de interatividade existe, pois:

A internet apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, sites estabelecidos, códigos instituídos. Nada existe para além desses parâmetros de busca (BAUDRILLARD, 1999, p.148).

Não enxergamos desta forma. A interatividade no meio virtual potencializa as relações entre criador e receptor. Entendemos que a interatividade, que já se fazia presente em Mallarmé, potencializa-se com o advento das novas tecnologias pelas múltiplas possibilidades de criação e recepção que estas proporcionam.

Outro ponto a ser considerado quando pensamos em tecnologias é qual o impacto que exercem sobre a vocalidade. De modo geral, é claro que as mídias eletrônicas fixam a voz através do processo de gravação, retirando dela sua taticidade, a sua presença enquanto performance. Mas, para Paul Zumthor, se por um lado a tecnologia dos medias transforma a voz em algo abstrato, por outro, promove uma “ressurgência das energias vocais da humanidade, energias que foram reprimidas durante séculos no discurso social das sociedades ocidentais pelo curso hegemônico da escrita” (ZUMTHOR, 2007, p.15). É esta presença da voz que marca a diferença biológica entre o homem e a máquina.

É da aproximação entre o tecnológico e o analógico, da arte e da ciência, que nascem as poéticas tecnológicas. Por ter perdido sua hegemonia para as mídias eletrônicas da cultura de massa (TV, rádio, Internet), a arte contemporânea se aproxima das tecnologias como estratégia de sobrevivência. Desta maneira, “em interface com as máquinas, a arte busca nova energia no universo cibernético, aquele universo híbrido e perturbador, no qual impera a conexão entre natural e artificial” (GUIMARÃES, 2004, p.149).

No universo literário, mais especificamente no terreno da poesia, as tecnologias começam a aparecer no final do século XX como suportes indispensáveis para a poesia visual. Apesar de as poéticas visuais sempre terem representado a parte mais radical da literatura, as experiências com a visualidade não puderam ao longo da História se concretizar em sua totalidade, visto que grande parte dos poemas visuais foi, e ainda hoje são em grande maioria, realizados com palavras e imagens bidimensionais. Somente a partir do surgimento dos equipamentos eletrônicos e digitais é que os poetas visuais conseguiram ampliar seus horizontes, adicionando aos poemas uma tridimensionalidade e movimento que muito enriqueceram suas obras. A partir disso temos um outro tratamento do material poético, “tratamento esse que

configura suas formas a partir de dentro e não como meros aparatos externos e estranhos à criação” (GUIMARÃES, 2004, p.155).

Temos, então, nestas novas poéticas contemporâneas, uma atenção maior por parte do poeta com a técnica, com o funcionamento da mídia em que está trabalhando e as formas como estes suportes interferem no processo de significação do poema.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O grão da voz*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

CASTRO, E. M. de Melo e. Entrevista E. M. de Melo e Castro. *PopBox*. São Paulo, 2001.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. Rádio Arte e a Morte da Mídia. *Centro de Mídia Independente*. Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/11/268504.shtml>>. Acesso em 10 jan. 2005.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. *Poesia Visual e Movimento: da página impressa aos multimeios*. 2004. 363 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

LÉVY, P. *A Máquina Universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LÉVY, P. *O Que é Virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2004, 2ª Edição.

SANTAELLA, Lúcia. *Porque as comunicações e as artes estão convergindo*. São Paulo: Paulus, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.